

A CONSTRUÇÃO INUSITADA DAS PERSONAGENS EM RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE MILTON HATOUM

Clarissa Rodrigues Pinheiro Gomes (UNESP)

Autor de *Relato de um certo oriente* (1989), objeto deste estudo, Milton Hatoum é um escritor amazonense, descendente de libaneses que mostra sua descendência na obra. O romance traz, portanto, o singular hibridismo entre as culturas do oriente e do Amazonas, resultando numa confluência de idiomas, crenças e culinárias, que configuram o texto do autor.

Relato de um certo oriente retrata a Manaus de décadas atrás, reavivando prováveis memórias da infância do autor e mergulhando num passado rico em histórias. A riqueza do texto inspira uma detalhada análise, sendo a questão do narrador uma das mais mencionadas e estudadas. Mas este trabalho foge um pouco a essa linha e prende-se ao tratamento específico das personagens, do papel destes seres ficcionais dentro do enredo do romance, por nos parecer um aspecto não muito abordado nos estudos que foram feitos sobre a obra até aqui.

Para tanto, é feita a análise do texto da obra com base no estudo de Antonio Candido (1985), publicado em *A personagem de ficção*, com o intuito de traçar as características e os procedimentos de elaboração das personagens. A metodologia do trabalho remete também a estudos sobre a personagem feitos por autores como Massaud Moisés, Beth Brait, Fernando Segolin e Forster, entre outros. A diversidade cultural, social e religiosa existente no romance é estudada na tentativa de compreender as personagens que carregam essas cargas e o modo como elas interagem dentro do romance. Os nomes inusitados e a grande variação de vocativos utilizados para uma mesma personagem aguçam a curiosidade e a vontade em descobrir qual a intenção do autor por trás disso. Os diversos focos narrativos existentes na obra também vão ser abordados, buscando descortinar as relações entre as personagens e suas aspirações de vida, a partir dos seus relatos encadeados no discurso da narradora central.

A TRAMA DOS MOSAICOS NARRATIVOS EM MÊS DE CÃES DANADOS

Lealis Conceição Guimarães (UNOPAR)

A criação literária de Moacyr Scliar fundamenta-se na recriação paródica do insólito filtrado pela visão irônica do escritor, que emprega o recurso da *mise-en-abyme* (“construção-em-abismo”) para estruturar sua poética. Na literatura scliariana, é comum a exposição crítica de elementos culturais do passado, que se fundem à atualidade do universo sócio-psicológico do cotidiano humano. Na maioria das obras do escritor, a construção da linguagem está vinculada à superposição de histórias que, pela relação intertextual, de natureza paródica, produz o elemento insólito, como na novela, *Mês de cães danados*, que tem como subtítulo “uma aventura nos tempos de Brizola”. A referida novela constrói-se com o entrecruzamento das notícias jornalísticas do tumultuado contexto histórico compreendido entre dezoito e trinta e um de agosto de 1961, quando ocorreu a luta pela Legalidade no Rio Grande do Sul, e das histórias pessoais do protagonista, que passa de filho de fazendeiro a mendigo, nas ruas de Porto Alegre. Constitui-se, então, um painel formado pela incrustação dos mosaicos narrativos, que são as notícias e propagandas jornalísticas da época, as histórias da vida particular do protagonista-narrador e os depoimentos irônicos sobre seu envolvimento nos episódios políticos, como estudante de Direito, em Porto Alegre.

BERNARDO GUIMARÃES: A TRADIÇÃO OBSCENA À LUZ DO ROMANTISMO

Leônidas Pellegrini (UNICAMP)

A presente pesquisa busca trazer à luz uma análise dos poemas “O Elixir do Pajé” e “A Origem do Mênstruo”, de Bernardo Guimarães, mostrando-os enquanto exemplares da tradição fescenina da literatura universal, e em especial de uma tradição na poesia de língua portuguesa, assim como da poesia e do humor românticos no Brasil, revelando ainda suas características de paródia e intertexto.

CONTRA JOSÉ DE ALENCAR

Eduardo Vieira Martins (USP)

O objetivo desta comunicação é discutir alguns aspectos da polêmica travada entre Franklin Távora e José de Alencar. O estopim do debate foi a posição assumida por Alencar contra o projeto da lei do ventre livre. Contrapondo-se aos seus ataques, José Feliciano de Castilho, escritor português radicado no Brasil, editou o jornal *Questões do Dia*, refutando diretamente os argumentos do deputado conservador. Inicialmente circunscrita ao âmbito político, a discussão tomou feição literária quando Franklin Távora passou a enviar do Recife um conjunto de cartas analisando “O gaúcho” e “Iracema”. Intituladas “Cartas a Cincinato”, as críticas constituem o mais eloquente documento do declínio do romantismo na década de 1870. O eixo da argumentação de Távora reside na idéia de que Alencar era um escritor de gabinete que, por não ter pautado suas narrativas pela observação direta das regiões representadas, incorria numa série de erros e impropriedades. Questionando a validade da imaginação criadora, e defendendo, em seu lugar, o primado da observação, o pensamento de Franklin Távora deixa entrever a ascensão de um novo conceito de verossímil, no qual se enfatiza a necessidade de adequação à realidade extraliterária ou à informação histórica.

QUAL É A GRAÇA? - O HUMOR EM CRÔNICAS DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Andréia Simoni Luiz Antonio (UNESP)

O cronista tem liberdade de recorrer ao lirismo poético, ao comentário dos acontecimentos, às divagações filosóficas, à alegoria, ou mesmo, ao humor, para captar “flashes” do cotidiano e neles tecer seus comentários subjetivos.

O humor revela a grandeza do fato miúdo, explora a potencialidade criativa das palavras, adaptando-se com justeza a este texto leve e lúdico, que é a crônica.

Além de adaptar-se à leveza do gênero, o tom humorístico faz o leitor recuperar a sua capacidade de raciocínio crítico, enquanto se diverte.

Ainda, a aproximação torna-se comum em virtude de características salientes da crônica, tais como a narrativa curta e a inclinação para a brevidade, que também são traços do humor.

Por essas razões, vários cronistas, em diversas épocas, utilizaram-se de expedientes humorísticos em seus textos. Para citar alguns, José de Alencar fazia “graça romântica” em seus folhetins, Joaquim Manuel de Macedo utilizava o humor na aguda observação e nos comentários dos costumes da sociedade do século XIX, Machado de Assis, na seção “A Semana”, usufruía do sarcasmo e da ironia para fazer crítica social.

E se quisermos lembrar de mais alguns representantes do gênero que utilizaram o toque humorístico em suas composições, basta mencionarmos a crônica lírico-humorística de Olavo Bilac, o humor e o sarcasmo de João do Rio, a força poética e a ironia de Drummond, o humor ameno de Fernando Sabino, o testemunho crítico das décadas de 50 e 60, presente nas composições e nos personagens de Sérgio Porto.

Tendo como base, essa recorrente aproximação entre humor e crônica, esta comunicação pretende demonstrar, a partir de textos de Veríssimo, como se processa esse profícuo intercâmbio entre os dois discursos.